

NARRADORA

**ESPORTIVA: Profissional
ou Torcedora? Uma
Análise da
Representação de
Glenda Kozlowski no
Portal Olimpíadas UOL**

**SPORTS NARRATOR: Professional
or Fans?
An Analysis of Glenda Kozlowski's
Representation in Portal
Olimpíadas UOL**

**NARRADOR DEPORTIVO:
Profesional o Partidario?
Un Análisis Representación
Glenda Kozlowski en el Portal
Olimpíadas UOL**

**Noemi Correa Bueno¹
José Carlos Marques^{2, 3}**

RESUMO

Considerando os meios de comunicação e o esporte como instâncias que constituem espaços socializadores, capazes de criar, reforçar, questionar ou

¹ Graduada em Comunicação Social - Relações Públicas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e mestrado em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atualmente é doutoranda em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), professora da Associação de Escolas Reunidas LTDA e da Fundação Herminio Ometto, e tutora a distância da Fundação Getúlio Vargas. E-mail: tutoraead.noemibueno@gmail.com.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Licenciou-se em Letras (Português / Francês) pela Universidade de São Paulo. É professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru). E-mail: zeca.marques@faac.unesp.br.

³ Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Campus Bauru. Programa de Pós-graduação em Comunicação. Av. Eng. Luís Edmundo Carrijo Coube, 14-01 - Vargem Limpa, Bauru - SP, 17033-360, Brasil.

refutar papéis tradicionais de gênero, o artigo analisa as notícias veiculadas pelo Portal Olimpíadas UOL no período de 05 a 21 de agosto de 2016, a respeito da atuação da jornalista Glenda Kozlowski, que nesse período assumiu o papel de primeira narradora esportiva da Rede Globo. A partir disso, o artigo objetiva compreender se essas notícias contribuíram positivamente ou negativamente para a reflexão a respeito da participação da mulher no esporte e no jornalismo esportivo.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; representação; narradora; Portal Olimpíadas UOL.

ABSTRACT

Considering the media and sport can create, reinforce, question and refute traditional gender roles, the article analyzes the news published by the Portal Olimpíadas UOL from August 5-21, 2016, about the work of the journalist Glenda Kozlowski (first woman has been assumed the role of sports narrator of Globo Television). From this, the article aims to understand whether these news contributed positively or negatively to the reflection on the participation of women in sports and sports journalism.

KEYWORDS: Woman; representation; narrator; Portal Olimpíadas UOL.

RESUMEN

Teniendo en cuenta los medios de comunicación y el deporte como capaces de crear, fortalecer, cuestionar o refutar los roles tradicionales de género, el artículo analiza las noticias del Portal Olimpíadas UOL publicadas en el período 05-21 de agosto de 2016 sobre la periodista Glenda Kozlowski (que asume el papel de primer narrador desportivo del Globo - Televisión). A partir de esto, el artículo pretende comprender si esta noticia contribuyó positiva o negativamente a la reflexión sobre la participación de las mujeres en el deporte y el periodismo deportivo.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 5, Agosto. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p425>

PALABRAS CLAVE: Mujer; representación; narrador; Portal Olimpíadas UOL.

Recebido em: 28.02.2017. Aceito em: 15.06.2017. Publicado em: 01.08.2017

Introdução

Após conquistas de diversos direitos para mulheres, os movimentos feministas contemporâneos lidam com novas pautas de reivindicações, como por representações midiáticas adequadas, respeitosas e que expressem as idiossincrasias e possibilidades de atuações femininas nas diferentes esferas econômica, política, social e cultural.

Essa reivindicação é coerente com a suposição de Pierre Bourdieu (2003, p. 08) quando aponta que as conquistas feministas ainda não alcançaram sua totalidade de transformações almejadas, pois ainda não romperam com estereótipo realimentado pela representação social e pelo poder simbólico (violência invisível às vítimas e que se exerce pelas vias simbólicas da comunicação).

Considerando os meios de comunicação e o esporte duas instâncias que constituem espaços socializadores e que, por isso, são capazes de criar, reforçar, questionar ou refutar estereótipos tradicionais de gênero (BOURDIEU, 2003; MARIVOET, 2014), esse artigo irá analisar a representação do trabalho de Glenda Kozlowski, enquanto narradora das Olimpíadas, no Portal Olimpíadas UOL. A jornalista foi anunciada como a primeira narradora esportiva da Rede Globo (maior canal da televisão aberta brasileira), função que seria exercida durante os Jogos Olímpicos 2016.

Para tal, será utilizada uma metodologia adaptada da proposta realizada por Sut Jhally (2016), criada a partir da análise realizada por Erving Goffman. Nesse sentido, investigaremos os textos baseados em duas categorias principais denominadas de desautorização (nesse caso o discurso e ações femininos são caracterizados como sem autoridade), e, infantilização. A partir disso, enquadraremos os termos utilizados nas notícias conforme representações relativas ao âmbito profissional ou de torcida.

Para suporte teórico, este artigo realizará uma análise bibliográfica a respeito dos conceitos relacionados às representações mediáticas e à nova pauta de reivindicações do movimento feminista relacionada à veiculação adequada da imagem feminina pelos meios de comunicação, a partir de obras de Eduardo Coutinho, João Freire Filho e Raquel Paiva (2008), Bordenave (2002) e Raquel Moreno (2008). Também serão utilizadas obras relacionadas à construção social do esporte e sua relação com identidade de gênero dos pesquisadores Birrel e Cole (1990), Salomé Marivoet (2014), Pierre Bourdieu (2003), Silvana Goellner (2013), Fabiano Devide (2005) e Migliaccio e Berg (2007).

A partir disso, debateremos a respeito da representação veiculada pelo Portal UOL Olimpíada a respeito da atuação da primeira narradora da Rede Globo (Glenda Kozłowski), analisando se essas notícias contribuíram positivamente ou negativamente para a reflexão a respeito da participação da mulher no esporte e no jornalismo esportivo.

Meios de comunicação, representações sociais e poder

Eduardo Coutinho, João Freire Filho e Raquel Paiva (2008, p. 07), apontam que os meios de comunicação consistem em espaços de poder, pois interferem na formação das consciências e conduções sociais. Assim, possuem função importante na “disputa pela hegemonia, na promoção de ideais identitários, na regulação de comportamentos, na administração da memória, na constituição da opinião pública e na formulação de agenciamentos democráticos”.

Os meios de comunicação, portanto, podem intervir na forma como a sociedade age, pensa, discute, sente, lembra, convive e resiste, afinal, consistem

em instituições com crédito perante à sociedade, uma vez que apresentam o discurso de reproduzir valores, padrões e espaços reais (no caso de programas jornalísticos, de novelas, livros e filmes baseados em história real, programas com viés de utilidade pública, por exemplo).

Nesses casos, os meios de comunicação ao mesmo tempo em que possuem a função de representar situações "reais", atuam como incentivadoras da formação e perpetuação destas representações veiculadas. Em relação a estas representações, vale ressaltar que os meios não abordam todos os assuntos possíveis, a partir de todos os olhares e possibilidades, pois "não há forma de evitar a reconstrução seletiva da realidade pela simples possibilidade material de abrangê-la em sua totalidade. E mais, as próprias características tecnológicas dos meios de comunicação colaboram para a configuração de um verdadeiro código do meio que traduz a realidade e a transmite" (BORDENAVE, 2002, p.81), assim, os meios escolhem os assuntos que desejam debater e a maneira como irão abordá-lo, deixando fora da pauta assuntos considerados de não interesse.

Mesmo havendo esta seletividade, os meios de comunicação

imprimem marcas indeléveis no modo como compreendemos o mundo, tanto no nível intelectual quanto sensitivo. Os meios de comunicação, assim como a cultura produzida por eles, forma, nessa perspectiva, um campo autônomo, capaz de representar o social, construir diferentes realidades, criar distintas modalidades de socialização e influenciar e mediar outras esferas da vida social (MAZETTI apud COUTINHO; FREIRE FILHO; PAIVA, 2008, p. 256).

Por isso, a discussão das representações mediáticas se torna importante na sociedade contemporânea, pois seu "discurso possui um papel importante na construção de identidades, ao estabelecer sentidos e representações que

interferem na construção do cotidiano e na forma como a sociedade configura as relações sociais e a memória” (BUENO, 2010, p. 49).

Considerando estes aspectos, movimentos feministas têm inserido em suas pautas de reivindicações a discussão a respeito de adequadas representações de gênero, como pode ser observado, a partir das práticas do Instituto Patrícia Galvão, Articulação Mulher e Mídia e a feminista Rachel Moreno.

O Instituto Patrícia Galvão é uma organização fundada com objetivo de atuar em relação ao direito à comunicação e aos direitos das brasileiras. Para a instituição, os meios de comunicação consistem possibilidades de campos estratégicos de debates a respeito de políticas públicas voltadas à igualdade de gênero.

Em 2011, em uma pesquisa realizada juntamente com ANDI – Comunicação e Direitos, e, Secretaria de Políticas para Mulheres, no âmbito do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero, relatou-se que no jornalismo praticado nesse período não houve um aproveitamento das oportunidades vigentes (como a candidatura inédita de duas mulheres para presidência da república) para trazer ao debate público questões de gênero ocultas na sociedade, diante disso, a pesquisa afirma que

o jornalismo analisado é um meio que se volta apenas para a urgência dos fatos, para o relato da notícia, não pensa a realidade em seu todo e em seus aspectos mais complexos, mas reduz a vida em comunidade aos problemas mais cotidianos. Esse tipo de mídia colabora pouco para a formação da opinião pública crítica, capaz de efetivamente cobrar atitudes e soluções do Poder Público (ANDI; INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO, 2011, p. 53).

Rachel Moreno, atuante no movimento feminista, aponta que os meios de comunicação possuem o poder de refletir imagens sobre o que se espera e

deseja das mulheres na contemporaneidade, por isso, o questionamento das imagens femininas veiculadas por estes é importante para a discussão de construção de práticas que promovam a equidade de gênero.

Segundo ela, a mídia impõe uma invisibilidade seletiva, pois não divulga as demandas e diversidades das mulheres e não fornece espaço para exposição de diferentes pontos de vistas. As mulheres retratadas seguem o mesmo padrão de beleza (jovens, altas, magras e loiras) e o mesmo padrão de comportamento: são emocionais, ou seja, sentem, acham e choram, mas dificilmente pensam.

A reprodução de um padrão estético que é distante da realidade da maioria das mulheres é constante nos meios, independente do programa ou formato. Ou seja, o padrão de corpo feminino é o mesmo utilizado para publicidade, jornalismo, programas de auditório, programas infantis, novelas, filmes e programas esportivos (MORENO, 2008).

Ao estudar os meios de comunicação, a feminista aponta que

a mulher retratada na mídia tem que ser casada ou aspirar ao casamento, ter filhos ou aspirar à maternidade, ser ou parecer jovem, ser vaidosa, cuidada. Ser branca, heterossexual, monogâmica, fiel, comportada, decidir mais com emoção do que com a razão, ser sensível e delicada, preocupar-se mais em cuidar dos outros do que com qualquer outra questão, mesmo que trabalhe e tenha grandes responsabilidades profissionais ou políticas (MORENO, 2008, p. 45).

Semelhante a essa visão da mulher retratada nos meios, encontramos o posicionamento de Bourdieu a respeito dos papéis femininos considerados "adequados". Neste sentido, podemos observar uma coerência entre o que "se espera" das mulheres e como estas são representadas pelos meios de comunicação:

Delas se espera que sejam 'femininas', isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa 'feminilidade' muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva de seu ser (BOURDIEU, 2003, p. 82).

Além disso, esta retratação da mulher é utilizada, majoritariamente, para enfeite de cenários e programas ou para demonstração da possibilidade do corpo feminino assumir o papel de brinde, como acontece em propagandas de cervejas. Vale ainda reforçar que este corpo feminino é explorado por partes e não em sua totalidade (menos ainda na complexidade psicológica e social).

Essa sub representação feminina facilita a consagração deste modelo de mulher mediática, em detrimento de outras formas possíveis. Conforme Foucault (apud MORENO, 2008, p. 31), a reprodução destas imagens socialmente valorizadas consiste em uma maneira sutil, mas eficiente de controle social, pois ao serem envolvidas por um discurso de veracidade, constroem práticas, verdades e subjetividades que reprimem modelos diferentes dos padrões mediáticos.

Diante disso, Rachel Moreno (integrante do movimento Articulação Mulher e Mídia, que consiste em uma reunião de diferentes entidades do movimento de mulheres do estado de São Paulo com intuito de debater e atuar em relação à visibilidade feminina nos meios de comunicação) aponta a reivindicação dos movimentos feministas a respeito da veiculação pelos meios dos problemas e pautas dos movimentos de mulheres (como por exemplo, equidade salarial, extinção da violência contra mulheres, entre outros), representações femininas adequadas que respeitem a diversidade ético-social-ética da mulher brasileira, a complexidade de papéis femininos, a capacidade

racional das mulheres e visibilidade dos movimentos feministas (que quando aparecem são representados de maneira minimizada, criminalizada ou ridicularizada).

Por sua vez, o Instituto Patrícia Galvão considera principalmente a importância do jornalismo, por isso, atua de maneira reivindicar que a imprensa cumpra sua função na esfera pública, a partir de contemplação de direitos femininos. Ou seja, procura contribuir para qualificação de coberturas jornalísticas a respeito de questões femininas com intuito fomentar a promoção de notícias que incentivem o debate e mudanças de gênero (AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO, 2015).

Esporte e construções de gênero

Além dos meios de comunicação, há outras instituições que também colaboram com a construção de identidades de gênero, sendo o esporte uma delas. De acordo com Bourdieu (1983), o esporte tem a função de validar a virilidade masculina, colocando as mulheres à margem de sua participação.

Com um pensamento semelhante ao Bourdieu, Salomé Marivoet (2014) aponta que o esporte constitui um espaço socializador da cultura masculina no ocidente, dessa forma, a participação feminina em competições esportivas caracteriza-se como um desafio de superação aos estereótipos tradicionais de gênero, podendo modificar as relações entre os sexos.

Certamente, que a entrada das mulheres no desporto desafiou o universo simbólico da dominação masculina, tanto mais quanto as modalidades praticadas implicarem confrontação, como é o caso justamente do Futebol. Afinal, como podem os homens afirmarem-se enquanto 'tal' (quando para 'tal' se exige a demarcação do feminino), se as mulheres acedem justamente às práticas que os investem da sua própria identidade masculina. Trata-se, pois, da desnaturalização dos

estereótipos tradicionais de género, como as feministas críticas têm defendido (MARIVOET, 2014, p. 03).

Em relação a isso, Birrel e Cole (1990, p. 18) afirmam que:

Sport not only as a gender producing, gender affirming system but as a difference and power producing system. For sport works to differentiate winners from losers, the men from the boys, the men from the women. As a significant gendering activity, sport not only reproduces gender and sex differences but it produces a logic of differentiation (BIRREL, COLE, 1990, p. 18).

Por isso, a militância feminina, além de reivindicar direito às representações midiáticas consideradas adequadas aos papéis e características femininos, também reivindica igualdades no âmbito esportivo, como apontado em estudos realizados, por exemplo, por Birrel e Cole (1990) e Migliaccio e Berg (2007).

Ao considerarmos o esporte no âmbito midiático, verifica-se que a cobertura esportiva, tende a privilegiar homens atletas em detrimento das mulheres ao oferecer baixa cobertura quantitativa do esporte feminino ou desvio do foco da performance para o corpo, as emoções ou a vida pessoal da atleta (ROMERO, 1990; DEVIDE, 2005; BOTELHO-GOMES, GOELLNER, SILVA, 2013), contribuindo para que essas ocupem lugares de coadjuvante no cenário esportivo.

Além disso, a invisibilidade feminina no campo de esportes não se restringe apenas à sua baixa participação enquanto atleta, sua pequena e deturpada representação nos meios de comunicação ou sua baixa atuação em cargos de liderança esportiva como treinadoras ou em diretoria de federações, clubes e comitês, mas também na própria produção e divulgação de conteúdos midiáticos esportivos.

Em pesquisa realizada por Noemi Correa Bueno e José Carlos Marques (2016), foi constatado que na televisão aberta brasileira (região metropolitana de São Paulo), dos profissionais (narradores, apresentadores e comentaristas) presentes em programas de esportes, apenas 18,7% eram mulheres, sendo que dessas, 82% assumem o cargo de apresentadora, ou seja, a função feminina nesses programas é basicamente de conduzi-lo, apresentando o que será discutido e veiculado na respectiva edição. Nesse ambiente, à mulher não cabe o discurso competente, pois a ela é praticamente vedado o espaço do comentário e da opinião, a essa minoria feminina ainda cabem majoritariamente atividades operacionais e táticas – e não estratégicas. Assim, concluíram que à mulher compete exibir os conteúdos que serão aprofundados, debatidos e produzidos por homens, cabendo a estes o poder da palavra, o discurso competente e, conseqüentemente, o debate qualitativo sobre o esporte.

Considerando esses aspectos relativos à baixa participação feminina enquanto debatedora de conteúdos esportivos televisivos e à baixa representação das mulheres nos meios de comunicação por meio de imagens não focadas na estética, maternidade e emoção, mas em conteúdos que abarquem a mulher enquanto sujeito social, político e profissional, esse artigo analisa a veiculação de notícias relacionadas à Glenda Kozlowski no portal Olimpíadas UOL (disponível no endereço eletrônico: <https://olimpiadas.uol.com.br/>), durante o período dos Jogos Olímpicos 2016, no qual a jornalista assumiu um cargo inédito para uma mulher na emissora Rede Globo: o de narradora de esportes.

Metodologia

Como já apontado, esse trabalho apresenta uma revisão bibliográfica sobre representação midiática feminina e pautas de reivindicações de movimentos feministas que lutam por participações femininas nos meios de comunicação, bem como a relação entre esporte e construção de identidade de gênero e a representação midiática das mulheres no campo esportivo.

Para tal, a fundamentação teórica é constituída principalmente pelas formulações de Pierre Bourdieu, João Freire Filho, Juan Diaz Bordenave, Eduardo Coutinho e Raquel Paiva. Relacionada a esta fundamentação encontram-se as posições de Rachel Moreno (feminista) e Articulação Mulher e Mídia (reunião de diversas entidades do movimento de mulheres que atua na fiscalização de conteúdos midiáticos a respeito de mulheres). Também são utilizados conceitos de Birrel e Cole; Migliaccio e Berg; Silvana Goellner e Salomé Mariovet referentes à participação das mulheres no esporte e suas respectivas projeções midiáticas.

Considerando os aspectos debatidos por esses teóricos, esse artigo analisa a veiculação de notícias relacionadas à Glenda Kozlowski no portal Olimpíadas UOL, durante o período das Olimpíadas 2016. A jornalista e ex-bodyboarder (modalidade na qual é tetra campeã mundial) Glenda Kozlowski é a primeira mulher a ocupar um cargo de narradora na rede Globo de televisão (maior canal brasileiro de televisão aberta). Sua inserção nesse cargo ocorreu em meados de 2016, quando foi anunciado pela emissora que a jornalista seria responsável pela narração de ginástica dos Jogos Olímpicos daquele ano, dividindo o espaço com a ex-ginasta Daiane dos Santos, que assumiu o cargo de comentarista da modalidade.

A escolha do objeto ocorreu devido ao alcance do portal UOL, somado ao fato desse ter criado um espaço específico para notícias relacionadas aos Jogos Olímpicos. O Universo Online (UOL) consiste um dos principais portais de conteúdo do Brasil, com o mais extenso conteúdo disponível em língua portuguesa, com mais de 1.000 canais de jornalismo, informação, entretenimento e serviços. Segundo a Publicidade UOL (2016), o portal possui mais de 50 milhões de usuários por mês em sua homepage. Em 2014, foi considerado pelo site Alexa o quinto site mais visitado da Internet no Brasil, atrás dos sites do Google e do Facebook. Já o período de análise foi selecionado de acordo com o período anunciado que seria o de atuação de Glenda Kozlowski como narradora, ou seja, durante as Olimpíadas 2016.

Como método de coleta de dados e análise é utilizada uma adaptação do guia proposto por *Media Education Foundation*, apresentado por Sut Jhally (2016) e escrito por Scott Morris & Katherine Warren. O guia denominado "*The Codes of Gender*", desenvolvido pelo professor Sut Jhally é baseado na análise pioneira do sociólogo Erving Goffman em relação à publicidade, mostrando como a cultura popular americana reflete e, por sua vez, molda ideias normativas sobre masculinidade e feminilidade.

Assim, baseado na afirmação central de Goffman de que os ideais de gênero resultam de um desempenho cultural ritualizado, Sut Jhally compreende a publicidade não apenas como uma função mercadológica, mas relaciona-a também com um poder de fornecer informações que atuarão na construção de identidades e relações de gênero.

Partindo de uma adaptação dessa proposta para o jornalismo, analisaremos os textos baseados em duas categorias principais denominadas de: desautorização (nesse caso o discurso feminino é caracterizado como sem

autoridade, ou seja, quando é associada à mulher expressões emocionais, quando o conteúdo de sua fala é superficial, sem aprofundamento técnico, quando são realizados comentários diminutivos, e/ou quando os comentários focam a imagem física feminina em detrimento de sua capacidade intelectual), e, infantilização (ocorre por meio dos pronomes de tratamento utilizados, se são utilizadas expressões no diminutivo ou algum tipo de apelido, e da maneira pela qual são retratadas as fotos, se a mulher aparece em pose infantil, como colocando a mão na boca, por exemplo).

A primeira mulher narradora da Rede Globo no Portal Olimpíadas UOL

No período de análise (período de duração dos Jogos Olímpicos 2016, ou seja, de 05 a 21 de agosto), o Portal Olimpíadas UOL transmitiu 4 notícias citando a jornalista Glenda Kozlowski, sendo que em todas a jornalista foi o assunto central. As respectivas datas e títulos podem ser observados na tabela a seguir.

Tabela 1: Notícias analisadas

Data	Nº	Título da notícia
07/08/2016	1	Telespectadores criticam "gritaria" de Glenda e a comparam a Galvão
10/08/2016	2	Globo explica por que Glenda Koslowski não está narrando sozinha ginástica
14/08/2016	3	Glenda se desculpa no ar por grito e chora com prata de Diego Hypolito
15/08/2016	4	Galvão defende gritos de Glenda: "Ouço isso há 36 anos na Globo"

A partir da sequência de títulos, é possível verificar que há relações entre as notícias, indicando a existência de um evento contínuo, no caso, a insatisfação dos telespectadores em relação ao comportamento da jornalista gerou a necessidade da emissora explicar a presença de outro profissional acompanhando a narradora (que, até então, narrava isoladamente a competição), causou uma reação negativa na narradora e, por fim, provocou a necessidade de um colega de profissão lhe defender perante às críticas.

Ao analisarmos o título, destacamos algumas palavras-chave na construção de identidade de gênero de acordo com a metodologia de Sut Jhally (2016). Podemos destacar em relação à desautorização o termo: "não está narrando sozinha" e "Glenda se desculpa". No primeiro caso, vê-se a necessidade de explicar o motivo da emissora contratar um narrador para dividir a tarefa com Glenda Koslowski, ou seja, a Globo irá se posicionar em relação ao trabalho da jornalista, apontando sua avaliação (positiva ou negativa) para justificar sua decisão de uma nova contratação. Já no segundo caso, vemos que a própria jornalista compreende sua postura como inadequada, se justificando pelo ocorrido. Ao pedir desculpas por seu comportamento (que no título da última reportagem aborda claramente que é idêntico ao comportamento de Galvão Bueno), a jornalista autocritica seu trabalho, apontando-o como impróprio e se desautorizando.

Além disso, de acordo com Sut Jhally (2016), uma das maneiras de desautorizar a performance feminina é focar emoções consideradas demasiadamente excessivas, o que constatamos em três dos quatro títulos, por meio dos termos: "gritaria", "desculpa por grito", "chora" e "Galvão defende gritos de Glenda". Nessas situações apontadas, 3 vezes o título enfatiza o grito como forma de expressão da apresentadora, ou seja, uma forma não

profissional de abordar o acontecido. E em outra, ainda salienta uma expressão emocional que é o choro, outra forma também não profissional de comunicar jornalisticamente um acontecido.

Em relação à segunda categoria de análise (infantilização), observamos características presentes no título "Galvão defende gritos de Glenda". Observa-se pela sequência dos fatos (apontada pela sequência dos títulos das reportagens), que a jornalista foi criticada, se sentiu ofendida e foi defendida por um colega de trabalho, pois não conseguiu se defender (ao contrário, diante da crítica teve a atitude de se desculpar, assumindo seu erro). Nesse caso, ocorre a construção da fragilidade feminina, finalizada com a necessidade de um homem que assuma a responsabilidade de defendê-la diante das adversidades.

Assim, apenas pela análise dos títulos, já é possível observar as estruturas utilizadas para descaracterizar o feito de Glenda Koslowski, que é o de ser a primeira mulher a assumir o cargo de narradora na emissora Rede Globo, por meio de uso de termos que a infantilizam e a desautorizam.

No entanto, esta análise não está restrita ao título, mas abrange, também, o conteúdo das notícias. Os textos das notícias seguem a mesma lógica dos títulos, mas com descrições mais detalhadas de cada termo enfatizado. Assim, em três das quatro notícias veiculadas a respeito da atuação de Glenda Koslowski, observamos a desautorização da jornalista por meio de termos que expressem emoções e também por caracterizá-la como torcedora e não como efetivamente uma narradora profissional.

Essa substituição da representação da profissional pela torcedora está presente nas notícias intituladas: "Telespectadores criticam 'gritaria' de Glenda e a comparam a Galvão", "Glenda se desculpa no ar por grito e chora com prata

de Diego Hypolito” e “Galvão defende gritos de Glenda: ‘Ouço isso há 36 anos na Globo’”.

Nesses três textos, observam-se os termos de descaracterização da jornalista como profissional competente, pois remetem à função de torcedora e exprimem emoção, ao invés de conhecimento técnico. Nesse sentido, analisamos as matérias conforme duas questões principais: profissionalismo x não profissionalismo (sendo que essa segunda segue as categorias de Sut Jhally [2016], referentes à desautorização e infantilização).

No caso, na categoria profissionalismo destacam-se expressões como: “jornalista”, “narradora”, “apresentadora da Globo”, “comandando a transmissão da ginástica olímpica”, “voltou ancorar”, “narrou”. Ainda representada enquanto profissional destacam-se mais três situações: críticas exercidas ao seu papel de profissional (“mereceu uma enxurrada de críticas na internet”, “fez questão de se desculpar”, por exemplo), elogios à sua atuação (“grande revelação” e “deu show”) e comparação de seu trabalho com o de outro jornalista, apontando o que a notícia considera como ideal para a postura de uma profissional (“acionou, dessa maneira o colega jornalista da Globo, que com voz mais mansa, ponderada, a respondeu”, “comparando-a à principal voz do esporte da emissora”, “seguiu o estilo do colega”).

Também analisamos os termos que caracterizam Glenda Kozlowski como torcedora e não como profissional, nesse caso, destacam-se: “excesso de empolgação”, “torcia pelas atletas”, “torceu”, “berrou”, “em êxtase”, “lamentou”, “incomodada com a nota baixa”, “exaltou as vaías do público”, “tom de voz considerado elevado, acima do aceitável para muitos”, “chorando”, “apelando para a emoção”, “discursos emotivos”, “celebrando” e “momento torcedora”.

Assim, vemos o seguinte quadro de representação da narradora global:

Tabela 2: Representações de Glenda Kozłowski: profissional x torcedora

Caracterização	Frequência				Total	
	Notícia 1	Notícia 2	Notícia 3	Notícia 4	Abs.	%
Profissional						
- Elogios enquanto profissional	0	1	0	3	4	6,6%
- Atividade profissional sem juízo de valor	4	8	6	3	21	35,1%
- Crítica ao papel de profissional	1	0	2	1	4	6,6%
- Comparação com outro jornalista	2	0	2	0	4	6,6%
Torcedora	10	0	14	3	27	45,1%
Total	17	9	24	10	60	100%

Assim, nas notícias veiculadas no período, observamos que das 33 expressões que a caracterizam como profissional, apenas 4 consistiram em elogios à sua prática, 4 as criticou, 4 as comparou com outros jornalistas e 21 se restringiram à identifica-la como profissional, sem utilizar algum juízo de valor. Já enquanto torcedora, foram utilizadas 27 expressões que a caracterizaram como tal. Nesse sentido, vê-se a desconstrução da imagem da narradora enquanto jornalista profissional, para representa-la como torcedora, que assume uma postura emocional e não técnica, desautorizando, portanto, Glenda Kosłowski enquanto apta para exercer a atividade de narradora.

Vale ressaltar que de acordo com pensamento sexista, a capacidade de exprimir emoções está relacionada com a personalidade feminina e que, por isso, as mulheres estiveram afastadas de muitas atividades durante séculos. Não diferente, no esporte esse pensamento também persiste e intitula as mulheres como inaptas a determinada prática devido ao fator emocional (DEVIDE, 2005).

Nas notícias analisadas pelo portal Olimpíadas UOL a respeito da primeira mulher a assumir o cargo de narradora do maior canal brasileiro de televisão aberta (durante o primeiro mês de sua atuação) observa-se justamente o reforço dessa característica emocional associada ao sexo feminino, justificando (indiretamente) a não presença de profissionais mulheres nessa função.

A segunda notícia (“Globo explica por que Glenda Koslowski não está narrando sozinha ginástica”) foi a que mais se distanciou desse argumento, pois diferentemente das demais, focou aspectos profissionais e a trajetória da jornalista, enquanto narradora nos Jogos Olímpicos. Essa trajetória foi dividida em 4 momentos na notícia: (1) anúncio de que Glenda Koslowski assumiria o cargo de narradora, (2) primeiros momentos como narradora, (3) substituição da jornalista por outros narradores e (4) explicação da decisão e defesa de Glenda Koslowski por parte da Globo.

Ou seja, após 5 dias de estreia da jornalista como narradora, o portal já anuncia uma trajetória que vai da iniciação ao eminente declínio. Esse declínio que aparece como uma possibilidade é atenuado ao final da notícia pela defesa pronunciada pela emissora Rede Globo a respeito de sua funcionária. No entanto, vale ressaltar que essa defesa não abrangeu a atuação de Glenda como narradora, mas enquanto jornalista do segmento de esportes.

Por fim, ainda em relação à notícia 2 (“Globo explica por que Glenda Koslowski não está narrando sozinha ginástica”), é importante apontarmos que os termos utilizados não foram possíveis de enquadrar nas categorias de Sut Jhally (conforme pode ser observado na Tabela 2), exceto pelo fato da reportagem ter ofertado apenas à Rede Globo o espaço para explicar a substituição da jornalista, não oferecendo para a profissional espaço para tal e representando apenas a voz do sujeito considerado mais competente para tal: a

Rede Globo. Apesar desse fator, nessa notícia não houve termos que apontaram a descaracterização de Glenda Koslowki como inapta à função de narradora, focando questões como emoções exacerbadas, infantilidade ou desconhecimento técnico.

No entanto, todas as notícias veiculadas no período estudado, consistiram em analisar o desempenho da narradora, sendo que três focaram aspectos negativos, realçando críticas e não enfatizando o fato dela ser a primeira mulher a exercer tal função no maior canal brasileiro de televisão aberta. Da mesma maneira, nenhuma focou o valor desse ineditismo para o público feminino, ou seja, o fato de ser a primeira mulher a ser narradora de esportes da Rede Globo despertou olhares críticos a respeito de sua capacidade de assumir esse cargo, mas não para discutir possibilidades de novos espaços femininos no campo esportivo, como reivindica os movimentos feministas ou mobilizações a respeito da representatividade feminina, como o Instituto Patrícia Galvão e a Articulação Mulher e Mídia citados nesse artigo.

Considerações finais

Ao abordar sobre a dominação masculina Pierre Bourdieu (2003) aponta sobre a importância dos meios de comunicação nas representações de gênero e como estas instituições atuam na perpetuação de valores androcêntricos. Paralelo a isto, Rachel Moreno (2008) e Articulação Mulher e Mídia criticam o papel feminino explorado pelos meios de comunicação, ignorando a complexidade de papéis e funções que a mulher pode assumir.

A partir disso, grupos feministas reivindicam em relação às representações midiáticas, alegando que as participações femininas nos meios

em seu formato contemporâneo não condizem com a realidade da mulher brasileira e colaboram para formação de estereótipos de gênero.

Essa reivindicação é válida, pois os meios de comunicação retratam a condição da mulher na sociedade, portanto, discutir a imagem da mulher nesses meios é discutir a imagem e papel femininos, o que afeta as mulheres e seu cotidiano. Além disso, os meios são importantes ferramentas de veiculação e perpetuação de representações sociais, por isso, é fundamental que a imagem feminina demonstrada por estes seja uma imagem coerente com os valores igualitários, que não minimizem as possibilidades de atuações femininas, mas que alcancem toda complexidade de papéis, posições e diversidades das mulheres brasileiras (não se restringindo aos papéis subalternos, domésticos ou decorativos, representados por apenas um modelo padrão feminino).

Da mesma forma, o esporte também constitui um espaço socializador da cultura masculina no ocidente, dessa forma, a participação feminina no campo esportivo caracteriza-se como um desafio de superação aos estereótipos tradicionais de gênero, podendo modificar as relações entre os sexos (BIRREL, COLE, 1990; BOURDIEU, 2003; MARIVOET, 2014).

Considerando esses aspectos, este artigo analisou a representação de Glenda Koslowki (primeira narradora de esportes da Rede Globo) no portal Olimpíadas UOL (que propunha informar diretamente a respeito dos eventos olímpicos ocorridos em 2016), durante o período no qual a emissora anunciou que a jornalista assumiria o cargo inédito para uma mulher.

Nas notícias publicadas foi observada a dicotomia de representação dos papéis de profissional e torcedora, focando a narradora mais como torcedora do que como jornalista. Para chegar a tal conclusão, os termos utilizados nas

notícias foram analisados conforme duas das categorias propostas por Sut Jhally (2006), no caso, infantilização e desautorização.

Essa predominância da representação enquanto torcedora, apontando expressões emocionais e comentários pessoais, é prejudicial para a imagem da jornalista, já que essas características são associadas à falta de profissionalismo. Ao considerarmos que a sociedade ocidental sexista ainda associa a imagem da mulher à emotividade e utiliza essa característica como justificativa para afastá-la de determinadas áreas (como ocorreu e ainda ocorre com algumas modalidades esportivas, por exemplo), a representação de Glenda Koslowki apresentada nas notícias analisadas é prejudicial para ruptura de valores androcêntricos, prejudicando não apenas a narradora, mas a construção de uma imagem coletiva feminina de profissional competente e apta para atuar no campo esportivo, pois (indiretamente) justifica a ausência de mulheres nessa função.

Assim, o ineditismo de uma mulher assumir a função de narradora na Rede Globo, ao invés de ser utilizado para construir representações que incentivassem a reconstrução de novas imagens femininas e a expansão de novos espaços femininos no campo esportivo, reforçou (pelo meio estudado) preconceitos e estereótipos de gênero.

Referências

AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. **Quem somos.** Disponível em: <http://www.patriciagalvao.org.br/>. Acesso em: 02 out 2015.

ALEXA. **Top sites in Brasil.** Disponível em: <http://www.alexa.com/topsites>. Acesso em: 15 jun 2016.

ANDI; INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Imprensa e agenda de direitos das mulheres:** uma análise das tendências da cobertura jornalística. Disponível em: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2011/12/imprensa-e-agenda-dos-direitos-das-mulheres-2011.pdf>. Acesso em: 02 out 2015.

BIRREL, S.; COLE, C. L. Doublé faut: Renne Richards and the construction and naturalization of difference. **Sociology of sport journal**, vol. 7, n° 01, p. 1-21, 1990.

BORDENAVE, Juan Diaz. **Além dos meios e mensagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOTELHO-GOMES, Paula; GOELLNER, Silvana; SILVA, Paula. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no jornalismo esportivo de Portugal. **Movimento:** 19/3, Porto Alegre: PROPESQ/PROAP, pp. 171-189, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BUENO, Noemi Correa. **Jornalismo impresso e relações de gênero:** enquadramentos da Folha de S. Paulo e d'O Estado de S. Paulo de um caso de hostilização a uma estudante. Dissertação de mestrado, FAAC/UNESP, 2010.

BUENO, Noemi Correa; MARQUES, José Carlos. A invisibilidade das mulheres em programas de esportes na TV aberta brasileira: tradição histórica ou competência silenciada? BETTINE, Marco (Org.). **Estudos interdisciplinares em sociologia do esporte**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016. P. 351-370.

COUTINHO, Eduardo G.; FREIRE FILHO, João; PAIVA, Raquel. **Mídia e poder:** ideologia, discurso e subjetividade. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulheres no esporte:** história das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. Ijuí: Unijuí, 2005.

JHALLY, Sut. **The codes of gender**. Disponível em: www.mediaed.org/discussion-guides/The-Codes-of-Gender.pdf. Acesso em: 20 dez 2016.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 5, Agosto. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p425>

MARIVOET, Salomé. Relações de gênero no esporte e no futebol: percursos e tendências. **II Simpósio internacional de estudos sobre futebol**. Maio, 2014.

MIGLIACCIO, T. A.; BERG, E. C. Women's Participation in Tackle Football. An Exploration of Benefits and Constraints. **International review for the sociology of sport**, 2007, 42(3), 271-287.

MORENO, Rachel. **A beleza impossível**. São Paulo: Ágora, 2008.

ROMERO, Elaine. **Estereótipos masculinos e femininos em professores de educação física**. São Paulo: Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 1990.

UOL PUBLICIDADE. **Mídia kit UOL**: 2013. Disponível em: http://download.uol.com.br/publicidade/defe-sa_uol_site.ppt. Acesso: 04 dez. 2016.